

O BRINCAR COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO

THE ACT OF PLAYING AS A THERAPEUTIC INSTRUMENT

¹CAMPOS, N. S.; ²FIOCHI, P. I. C. Q.

¹Aluna do curso de Psicologia- Ênfase Psicologia e Processos Clínicos das Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

²Mestre em Psicologia pela UNESP/Assis e docente das Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho tem por intuito realizar um estudo bibliográfico a partir do referencial Kleiniano acerca da utilização do brincar como instrumento terapêutico. Melanie Klein, se apropriando dos estudos de Freud e com as experiências em atendimento com crianças pequenas, observou a necessidade de adequar uma técnica diferente para o atendimento infantil, já que a associação livre não era método passível de se realizar com estas. Propondo em seus estudos a técnica psicanalítica através do brincar, a autora ressalta que é no brincar que a criança simboliza suas fantasias, desejos, angústias e a partir da interpretação do terapeuta tem a possibilidade de elaborar conflitos, frustrações e traumas. Klein ainda sistematiza todo seu estudo a respeito do desenvolvimento infantil a partir da teoria das posições, apontando no primeiro momento a posição esquizoparanóide, na qual a criança vê o objeto, no caso o seio da mãe, como cindido. Posteriormente, devido a maior integração do ego, o objeto é percebido como total, o que a coloca em posição depressiva. Por meio da transferência e da interpretação conclui-se que o brincar é um instrumento de grande importância que facilita a comunicação entre a criança e o terapeuta, seja para compreender o que se passa com ela ou para diminuir as resistências ao trabalho analítico.

Palavras-Chave: Brincar, Interpretação, Psicanálise

ABSTRACT

This work has by intention realize a bibliographic study from Klein's reference about the use of the joke how therapeutic instrument. Melanie Klein has been appropriated by Freud studies and with the experiences in small children attendance, as the free association wasn't the liable method of realizing about them. It was proposed in her studies the psychoanalytic technique through the playing that the child symbolizes the fantasies, desires, anguish and from the therapist interpretation it has the possibility of elaborate conflicts, frustrations and traumas. Klein has already systematized all her study about child development from the positions theory, it's indicating at the first moment for schizoparanoïd, in which the child see the object, in case, the mother's breast, like divided. After, because the child has better self integration, the object is perceived like total, what put it in a depressive position. Through the transference and the interpretation can be conclude that the joke is a very important instrument that facilitates the communication between child and therapist, both for understanding that pass with them as for decrease the analytic work resistances.

Key-Words: Play, Interpretation, Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo bibliográfico acerca do brincar como instrumento terapêutico na teoria kleiniana, tendo em vista que a

criança expressa através do brincar seus conflitos e ansiedade e ainda, apontar o papel do terapeuta nesse processo, pois através da transferência analítica torna possível a relação da criança com seu mundo interno, devendo este fazer o uso simbólico das suas expressões.

A psicanálise de crianças passou por muitas limitações até se tornar tratamento passível de realização; vários autores acreditavam que só seria possível tratamento educativo e o brincar utilizado apenas como recurso para despertar na criança disposição e interesse ao tratamento.

A partir da eficácia no tratamento do Caso Hans, no qual o tratamento foi conduzido pelo próprio pai do menino, analistas de crianças acreditaram ser possível atendê-las em suas casas, mesmo com a falta de capacidade da criança em associar livremente, acreditavam que tal método facilitasse a relação com a criança. Porém posteriormente observaram que essa situação “complicava desnecessariamente a relação do paciente com a família”, sendo imprescindível encontrar uma nova técnica para o tratamento infantil. (ABERASTURY, 1992, p. 60).

Em meados de 1920, a psicanalista Melanie Klein passa a se dedicar ao estudo e trabalho da psicanálise com crianças, se utilizando - a princípio - dos referenciais freudianos, para a partir daí criar sua própria técnica e teoria. A autora se embasa nos mesmos princípios da psicanálise de adultos, como análise da transferência, interpretação dos conteúdos e das resistências com a diferença de que tudo isso ocorre por meio de uma técnica desenvolvida de acordo com a capacidade da criança e através do que ela se adapta tão bem – o brincar.

Klein ([1955] 1991) traz sua proposta baseada na técnica através do brincar, acredita que se deve trabalhar em análise interpretando tanto a transferência negativa quanto a positiva¹. Comunica seu trabalho inicial em 1921 ao publicar observações que fez de seu próprio filho “Fritz”, em seguida começa a analisar crianças de tenra idade, já se utilizando da técnica do brincar. Segundo a autora, tal procedimento estava equiparado à técnica de associação livre utilizada com adultos, pois tem como base fundamental a fantasia inconsciente da criança que tem como forma a expressão simbólica do brincar. Como a criança ainda não tem uma estrutura de linguagem formada, a técnica de associação livre não poderia ser a

¹ A transferência positiva esta relacionada às pulsões lidinais, sentimentos de afeto e carinho na relação com o terapeuta, enquanto a negativa se refere às pulsões agressivas, como ciúme, inveja e destrutividade. (KLEIN [1952] 1991).

mais indicada. Klein ainda, apesar de ter como base pressupostos freudianos vai além, descreve a presença do complexo de Édipo já no primeiro ano de vida e o superego como arcaico.

Segundo Klein ([1932] 1997, p. 27) “a criança expressa suas fantasias, seus desejos e suas experiências reais de um modo simbólico, através da brincadeira e jogos”. Sendo assim, o analista tem a possibilidade de entrar em contato com conteúdos inconscientes e apresentá-los à criança de forma que ela possa elaborá-los.

Visando compreender como o terapeuta deve fazer uso do brincar como instrumento a fim de obter resultados terapêuticos, Klein ([1932] 1997, p. 41) ressalta que a interpretação diminui a ansiedade. A partir do momento que é possível compreender algo a respeito do brincar ou de outra atividade desenvolvida pela criança deve-se interpretar prontamente, diferente de algumas abordagens psicanalíticas em que o analista deve esperar o estabelecimento da transferência. Para a teoria kleiniana, esta se dá logo no início e mesmo que se perceba a existência de transferência negativa “isso torna ainda mais imperativo que a interpretação comece o mais cedo possível”. (*Ibidem*).

Através dos conteúdos levantados sobre a técnica do brincar desenvolvida por Klein, é notório como a criança simboliza o que está se passando com ela e não somente através dos brinquedos, mas em outros tipos de brincadeiras.

De acordo com Klein ([1955] 1991) a criança pode a partir de outras atividades, como através de jogos, atribuir papéis ao analista ou a ela mesma, assumir a figura de um adulto, seja pai, mãe, paciente ou médico, representando e demonstrando como se sente frente a figuras de autoridade ou como deveria se comportar.

Sendo assim, pode-se afirmar a eficácia da utilização do brincar como instrumento no atendimento com crianças e a importância de se observar e interpretar toda sua expressão durante o trabalho para que ela possa entrar em contato com seus conteúdos e elaborá-los.

DESENVOLVIMENTO

As experiências de Klein ([1959] 1991) com crianças pequenas permitiu a compreensão da influência das emoções e fantasias inconscientes na vida

emocional do bebê. A autora aponta a idéia de um conhecimento inato que o bebê tem da mãe. A partir do nascimento, este se sente amado, compreendido e nutrido pela mãe. Procura desde quando nasce o olhar da mãe, procura ser acolhido por ela. O bebê que se sente amado, nutrido e compreendido vai viver sentimentos ambivalentes de amor e ódio reforçados pelas frustrações. O sentimento de amor é gerado pelo prazer de sugar o seio, primeiro objeto libinal, e a gratificação de ser alimentado e o sentimento de ódio é sentido pelo bebê nos momentos de frustração em que a mãe não supre todas as suas necessidades sendo acentuado pelos hábitos de higiene.

Em linhas gerais, a criança vai trazer como objeto inicial a mãe, porém a relação objetual que ela vai estabelecer com a mãe é a relação de objeto cindido, neste momento surge a metáfora do seio bom e seio mal. O seio bom é sentido pelo bebê na medida em que é fonte de gratificação e portanto é amado. O seio mau é sentido como fonte de frustração e então odiado. Essa divisão é feita pelo bebê porque seu ego ainda se encontra pouco integrado, e esta cisão também se estende com relação a presença física da mãe, sua relação como uma mesma pessoa é construída gradualmente pela criança. (KLEIN ([1952] 1991). Klein ainda sistematiza toda sua teoria a partir da teoria das posições e a relaciona como modo de organização da personalidade. As define como posição esquizoparanóide e depressiva. Estas surgem a partir das relações que o sujeito estabelece com os objetos, das ansiedades que aparecem com o mundo externo e das defesas que o sujeito constrói.

Na posição esquizoparanóide, que vai do nascimento até por volta dos 5 meses, é o momento em que a criança teme que os ataques destinados ao objeto, neste momento cindido, se volte contra ela. Por meios sádicos orais deseja devorar e retirar tudo o que fantasia ter de bom no corpo da mãe para ela ou destina impulsos anais e uretrais querendo preencher o corpo da mãe com seus excrementos. (KLEIN [1946] 1991).

Posteriormente, quando o objeto é introjetado por completo, ou seja, é visto como integrado e não mais cindido o sentimento de culpa e o medo da perda são vivenciados devido aos impulsos de amor e ódio que foram destinados ao objeto, como relata Klein ([1946] 1991, p. 33):

Os aspectos amados e odiados da mãe não são mais sentidos como tão separados, e o resultado é uma intensificação do medo da perda, estados afins ao luto e um forte sentimento de culpa, porque os impulsos agressivos são sentidos como sendo dirigidos contra o objeto amado. A posição depressiva passa a primeiro plano.

Para Klein ([1946] 1991) a posição depressiva, que se dá por volta dos 4 aos 12 meses, é a mais importante, pois é o momento em que ego está mais integrado e as relações de objetos vão se transformar de parcial para objeto total. O seio passa a ser bom e mal, porém mesmo com o objeto integrado o sujeito vai viver uma relação de ambivalência emocional com os objetos pois ele continua sentindo amor e o ódio pelos objetos. Mas agora isso pode existir na mesma pessoa. É nesse momento que vai se estruturar o sentimento de culpa e o desejo de reparar o objeto bom que foi danificado.

Tomemos como exemplo o caso Rita apresentado por Klein ([1932] 1997), trata-se de uma criança que “apresentava cerimoniais obsessivos e alternava entre ser ‘um amorzinho’ mesclado com sentimentos de remorso e ‘uma ruindade’ incontrollável”. (Ibidem, p. 23). Klein percebe que dentre os vários sintomas que a criança apresentava, a sua extrema inibição no brincar tinha origem no seu sentimento de culpa que surgiu a partir de um conflito edipiano arcaico.

Se a criança apresenta sentimento de culpa desde pequena, isso já seria pré-condição para sua análise. Porém, Klein ainda se deparava com algumas restrições no seu trabalho, devido à fraca relação da criança com a realidade, impossibilitando-a de se implicar na análise, como por exemplo, a fala restrita, “principal instrumento de um tratamento analítico de adultos”. (KLEIN [1927] 1996, p. 27).

Observando que a criança não teria capacidade de produzir associações livres assim como os adultos, o trabalho com crianças se deparava com dificuldades, sendo necessário adequar outra técnica para entrar em contato com seu inconsciente e compreender o que se passa com ela, quais são seus medos, desejos, angústias. É importante ressaltar que foram os trabalhos de Freud, precursor da psicanálise, que abriram os caminhos para que posteriormente, Klein e outros autores fossem em busca de uma técnica de análise infantil aplicável a qualquer criança.

Segundo Bugni (2008) com a publicação do caso Hans, Freud já apresenta o sentido psíquico inconsciente que pode ser compreendido pela capacidade de expressão das fantasias da criança através do brincar e as interpretações que dele

podem surgir. O caso se refere a fobia de cavalos de um menino de 5 anos e contou com a ajuda dos registros do pai de Hans que através de cartas repassava a Freud as observações que tinha do filho. Freud não atendeu pessoalmente o menino, encontrando-se com ele apenas uma vez.

As interpretações feitas por Freud ([1909] 1996, p. 80) a respeito do brincar de Hans como expressões do seu mundo interno, podem ser encontradas em várias passagens do texto do autor. Entre elas podemos observar o momento em que descreve que Hans havia passado horas brincando com uma boneca de borracha, a qual chamava de Grete, "(...) Ele tinha metido um pequeno canivete através da abertura à qual estava originalmente pregado um pequeno guincho, e depois separou bem as pernas da boneca, de modo a deixar a faca sair (Ibidem)". Os pais de Hans ainda não haviam lhe fornecido informações a respeito do nascimento dos bebês, sendo esta uma forma própria que o menino encontrou para expressar como imaginava ser um nascimento.

Apesar de não escrever estudos sobre o brincar infantil, é possível encontrar na sua obra, levando em consideração o caso Hans, a presença da fantasia infantil coincidindo com a importância dada a ela por Klein bem como a consciência de que o brincar é simbólico e apresenta expressões inconscientes do mundo interno da criança que surgem através das manifestações de seus conflitos (SUSEMIHL, 2008).

A expressão simbólica do brincar também pode ser encontrada na obra de Freud, em 1920, quando descreve a brincadeira inventada pelo seu próprio neto de 18 meses de idade. Se utilizando de um carretel amarrado por uma linha, o menino fazia o movimento de atirar o carretel para longe e "preferia seu expressivo ó. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre 'da'". (FREUD [1920] 1996, p. 25-26). Tal jogo ficou conhecido como jogo do *fort-da*.

O brincar é uma forma de dar conta da ansiedade de lidar com objetos externos que não a mãe e essa brincadeira inventada pelo menino continha todo sentido simbólico do brincar infantil.

Klein ([1955] 1991, p. 150) aponta que o primeiro trabalho realizado com crianças antes de seu início foi realizado por Hug-Hellmuth, porém apesar de se utilizar de brinquedos e desenhos, esta não deixou nenhum material escrito como técnica específica. Na época em que Klein iniciou seu trabalho, as interpretações

deveriam ser dadas a criança de forma parcial e poucos psicanalistas haviam “explorado as camadas mais profundas do inconsciente”.

Na análise realizada com “Fritz”, Klein utilizou de seus próprios brinquedos e acreditou ser suficiente a ajuda da mãe do menino, sugerindo que ela entrasse em contato com a criança de forma a influenciá-la a falar sobre o que a incomodava e conseqüentemente dificultava seu desenvolvimento. Porém, apesar de obter bons resultados alguns conteúdos não foram aliviados e decide realizar o tratamento em seu próprio consultório a fim de promover um distanciamento dos pais, além de outros brinquedos para possibilitar que a criança expressasse e elaborasse suas fantasias inconscientes. (FERRO, 1995).

Tendo para si o controle do tratamento e iniciando a análise com Fritz, Klein ([1955] 1991, p. 151) afirma que:

Ao fazê-lo, desviei-me de algumas das regras estabelecidas até então, pois eu interpretava o que se passava ser urgente no material que a criança apresentava para mim e percebi que meu interesse se centralizava em suas ansiedades e em suas defesas contra elas.

Seguindo por este caminho, a autora começou a perceber que ao interpretar o material que acreditava ser importante para a criança, ao mesmo tempo em que produzia alívio, novas ansiedades eram mobilizadas. Resolveu buscar ajuda com Dr. Karl Abraham e este lhe encorajou dizendo que se percebia progresso na análise fazendo interpretações desta maneira, “não via motivos para mudar o método da abordagem”. (KLEIN [1955] 1991, p. 151).

Este caso daria início à técnica psicanalítica Kleiniana através do brincar. O tratamento foi realizado na casa da própria criança com a utilização de seus próprios brinquedos, instrumento que possibilitava que a criança expressasse suas fantasias e ansiedades. Klein ([1955] 1991, p. 151) interpretava prontamente o significado dos conteúdos apresentado pela criança.

Ao interpretar não apenas as palavras da criança mas também suas atividades com seus brinquedos, apliquei este princípio básico à mente da criança, cujo brincar e atividades variadas – na verdade, todo seu comportamento – são meios de expressar o que o adulto expressa predominantemente em palavras.

Por tais razões, estas condições apontam que a análise da transferência e a interpretação do brincar seriam seus pontos essenciais. Esta abordagem

corresponde a associação livre utilizada com os adultos e Klein já iniciava a utilização da técnica que seria a característica do seu trabalho.

Seguiu alguns dos princípios fundamentais de Freud como a exploração do inconsciente e análise de transferência como meio para se atingir tal objetivo. Mais adiante entre 1920 e 1923 analisou outras crianças, porém o marco para o desenvolvimento da técnica foi em 1923 quando analisou uma criança de dois anos e nove meses, o caso Rita, já citado acima. A primeira vez que se utilizou dos brinquedos como instrumento de análise foi nesse caso. Klein utilizou os brinquedos de seus próprios filhos, colocou todos dentro de uma caixa e apresentou a Rita que imediatamente começou a brincar. (KLEIN [1955] 1991).

Através do atendimento realizado com Rita, Klein ([1955] 1991, p. 154) comprova a contribuição dos brinquedos para a análise e tais experiências permitiram que a autora pudesse definir quais seriam os brinquedos mais adequados para serem utilizados como ferramenta de sua técnica com crianças. São eles:

Pequenos homens e mulheres de madeira, geralmente de dois tamanhos, carros, carrinhos de mão, balanços, trens, aviões, animais, árvores, blocos, casas, cercas, papel, tesouras, uma faca, lápis, giz ou tinta, cola, bolas e bolas de gude, massa de modelar e barbante, acrescenta-se também um chão lavável, água corrente, uma mesa, algumas cadeiras, um pequeno sofá, algumas almofadas e um móvel com gavetas.

Segundo Klein ([1955] 1991), a variedade de brinquedos assim como sua simplicidade permite que a criança utilize da forma que quiser, em diferentes situações para representar experiências reais ou fantasias, nos possibilitando maiores contatos com o que se passa em sua mente. Afirma que o consultório deve ser simples contendo apenas o necessário, além de um armário particular que possa ser trancado para que a criança guarde sua caixa de brinquedos, a fim de saber que o que acontecesse na sessão é algo privado e, portanto só diz respeito a ela e o analista.

Para a autora todos os brinquedos iriam para a caixa porque assim a criança teria livre capacidade de se expressar, construir e simbolizar. A caixa montada tem a representação do mundo interno, deve ser guardada como a criança quiser, pois representa o modo como esta lida com seu mundo interno.

Entretanto, sugere que a técnica não depende exclusivamente de tal relação de brinquedos, é normal que a criança traga para as sessões seu próprio brinquedo, e o brincar com eles se torna parte do trabalho analítico. Porém, afirma que os brinquedos oferecidos pelo analista devem ser simples para que a criança possa usá-lo em diferentes momentos da análise para dar sentido ao material da forma que ela quiser e assim expressar suas experiências e fantasias. (KLEIN [1955] 1991).

A análise através do brincar não se fixa estritamente na utilização de brinquedos, mas em toda atividade realizada pela criança, seja na utilização de jogos, ao desenhar, pintar, recortar, escrever, como às vezes ao consertar um brinquedo quebrado, pois a agressividade também se expressa a partir do brincar.

Muitas vezes a criança tem a necessidade de consertar o brinquedo destruído devido ao sentimento de culpa gerado, porém esse sentimento não está simplesmente relacionado à consequência do ato cometido, mas também relacionado ao que o brinquedo representa no inconsciente da criança. Algumas vezes esse objeto danificado pode ser colocado de lado pois produziu na criança uma ansiedade persecutória devido ao sentimento de culpa e a idéia de que este se torne perigoso. Depois de um tempo a criança pode procurar pelo objeto na caixa, possivelmente neste momento algumas defesas já foram analisadas e os conteúdos interpretados para a criança, possibilitando assim a diminuição da ansiedade persecutória, provocando o surgimento do desejo de reparação. (KLEIN [1955] 1991).

Para Klein, segundo Souza (2008), através do brincar a criança projeta seus conteúdos internos como uma maneira de dar conta das experiências dolorosas, possibilitando a elaboração de tais conteúdos. Como se pode perceber, a criança ainda não tem uma capacidade verbal totalmente construída, além de não conseguir nomear o que se passa com ela, sendo assim o brincar e o jogo tem caráter de elaboração, a partir da possibilidade de simbolização das situações angustiantes ao externo.

Segundo a autora, para compreendermos o brincar da criança é necessário estar atento a todo contexto da brincadeira, a maneira como representa, os mecanismos que se utiliza. Devemos considerar a situação como um todo, pois um único brinquedo pode ser utilizado em várias análises, podendo ter significados diferentes, que, portanto, ao serem interpretados necessitam de uma observação

sobre qual situação analítica estão inseridos, pois não podemos nos fixar ao simbolismo isoladamente. (KLEIN [1932] 1997).

Com relação ao aspecto da transferência e da interpretação, uma das diferenças entre Freud e Klein, seria que Freud considera a necessidade de se estabelecer primeiramente uma transferência para depois interpretar e “que esse *rapport* necessário é obtido apenas dando tempo ao analisando” (ETCHEGOYEN, 2004, p. 238), e, portanto, se o terapeuta não leva em consideração esse tempo, “poderá cometer erros ou não eliminar as resistências iniciais” (*ibidem*), enquanto que para Klein o *rapport* só se estabelece a partir das interpretações.

Segundo Klein ([1952] 1991, p. 76) “a transferência origina-se dos mesmos processos que, nos estágios mais iniciais, determinam as relações de objeto”, ou seja, sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Desde então, explorando esses processos arcaicos apontou a importância de se dar maior atenção a transferência negativa acreditando que esta daria informações sobre a mente.

A autora ainda aponta que “é parte essencial do trabalho interpretativo que ele se mantenha em compasso com as flutuações entre amor e ódio; entre felicidade e satisfação de um lado e ansiedade persecutória e depressão de outro”. (KLEIN [1955] 1991, p. 157). O analista não deve apresentar à criança desaprovação caso ela quebre um brinquedo e nem estimulá-la a consertá-lo. É necessário compreender o que está se passando, o motivo das suas atitudes naquele momento e interpretá-las.

Ao relatar o caso Peter, Klein ([1955] 1991) descreve o valor das interpretações feitas do seu brincar, a cada uma delas a criança demonstrava novamente nos brinquedos o que se passava com ela. Coloca que embora algumas crianças apresentem inibição no brincar, é difícil que não se interessem por nenhum dos brinquedos. O analista também poderá se apropriar de outros materiais para a análise, como as informações dadas pelos pais que fornecem dados do que está se passando com determinada criança.

De acordo com Klein (*ibidem*), mesmo que as interpretações sejam feitas de acordo com o material compreendido, obedecendo a uma maneira mais informal, ligada a uma linguagem mais apropriada a sua idade e de uma forma clara, ainda assim, não podemos desconsiderar a possibilidade de que surja resistência por parte da criança em relação à interpretação de algum conteúdo apresentado pelo analista.

Na terceira sessão, Peter trouxe novamente material similar, mas agora aceitou minha interpretação e disse pensativamente: “E se eu fosse um papai e alguém quisesse jogar-me no chão detrás da cama e me matar e liquidar, o que eu pensaria disto?” Isto mostra que ele havia não apenas elaborado, compreendido e aceito minha interpretação, mas que tinha também reconhecido muito mais. Ele compreendeu que seus próprios sentimentos agressivos dirigidos ao pai contribuíram para ter medo dele, e também que ele havia projetado seus próprios impulsos no pai. (KLEIN ([1955] 1991, p. 160).

A autora destaca a análise da transferência como ponto crucial da análise. Sabendo que o paciente transfere na relação com o analista suas fantasias, emoções e conflitos, o analista devolve a partir de interpretações esses conteúdos, por vezes relacionados às experiências com os objetos primários, criando a possibilidade de revivê-los, e assim, diminui efetivamente suas ansiedades. (KLEIN [1955] 1991).

CONCLUSÃO

A partir desta técnica, Melanie Klein afirma que a criança possui capacidade de simbolizar o que se passa em seu mundo interno, ou seja, a associação livre vem pelo brincar. Os brinquedos carregam em si projeções de como os objetos foram internalizados pela criança, apresentando a possibilidade de uma comunicação entre ela e o analista, assim como a elaboração das fantasias inconscientes, pois a criança transfere para os brinquedos seus sentimentos sejam eles ansiedade, culpa, medo ou perseguição presentes nas suas fantasias.

Para tanto, nota-se a importância de se interpretar as transferências e todo seu brincar, seja ele através de brinquedos, jogos ou qualquer outra atividade desenvolvida pela criança durante o processo analítico.

Deste modo pode-se concluir que o brincar é um instrumento de grande importância que facilita a comunicação entre a criança e o terapeuta, seja para compreender o que se passa com ela ou para diminuir as resistências. E para isso, utiliza-se da transferência e das interpretações dos conteúdos trazidos pela criança no brincar como condição para se chegar as camadas mais profundas da mente e com isso o analista permite a criança entrar em contato com sua realidade interna e externa e a elaborar vivências dolorosas e angustiantes.

REFERÊNCIAS

BUGNI, M. J. P. Caso Hans: um encontro de Freud com a psicanálise da criança. In: GUELLER, A. S.; SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: perspectivas teórico-clínicas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. p. 53–71.

ETCHEGOYEN, R. H. Fundamentos da técnica psicanalítica. Trad. Francisco Frank Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERRO, A. **A técnica na psicanálise infantil**: a criança e o analista da relação ao campo emocional. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, S. [1909]. **Obras completas**: A análise de uma fobia de um menino de cinco anos. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. [1920] **Obras completas**: Além do princípio do prazer. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, M. (1959) **Nosso mundo adulto e suas raízes na infância**. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1955) **A técnica psicanalítica através do brincar**: sua história e significado. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. 4.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1952) **As origens da transferência**. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos. 4.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. (1932) A psicanálise de crianças. Rio de Janeiro, Imago, v.2, 1997.

_____. (1927) **Simpósio sobre a análise de crianças**. In: Amor, culpa e reparação. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SOUZA, A. S. L. Melanie Klein e o brincar levado a sério: Rumo à possibilidade de análise com crianças. In: GUELLER, A. S.; SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: perspectivas teórico-clínicas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. p. 123–134.

SUSEMIHL, E. V. K. P. “O pequeno Hans: um diálogo entre Freud e Klein.” In: GUELLER, A. S.; SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: perspectivas teórico-clínicas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2008. p. 73 – 83.